

## Os Tupis do Gurupi (Ensaio Comparativo)

### Gurupi's tupis (Comparative rehearsal)<sup>123</sup>

**Raimundo Lopes**

1. A presente memória é um resumo do que observei, a serviço do Museu Nacional, entre os índios Urubus e tembés, em setembro e outubro de 1930, e dos resultados até agora alcançados no estudo comparativo dessas tribos. As minhas observações tiveram lugar nos postos *Pedro Dantas* (Canindé-Uaçu) e *Filipe Camarão* (Jararaca), do Serviço de Proteção aos Índios, na maloca tembé de Igarapé Grande e em outros da zona das cachoeiras do Gurupi. Nessa região de matas equatoriais, travou-se, desde meado do século XIX, a tragédia das incursões Urubus. Datando só de outubro de 1928 as relações pacíficas (no posto de Canindé-Uaçu), o presente estudo tem um desenvolvimento compatível com tais circunstâncias, que em todo caso permitiram ao Autor observar-lhes costumes, dialeto e tipos, e obter boa documentação, sobretudo da arte plumária excepcional dessa horda até então considerada ferocíssima e que cercara, com os golpes das suas flechas de ferro, a área das populações rurais do *Pará* e do Maranhão.

2. Apesar do número inevitavelmente pequeno de fichas antropométricas que obtive, ficaram patentes os caracteres principais, embora as medidas Urubus devam por isso mesmo ser consideradas aproximativas.

Caracteres *há* que divergem bastante nos tembés, outros, como, jés. As medidas dos tembés concordam com as dos seus parentes, o p. ex., os estaturais, que ligam esses tupis e os separam bem dos vizinhos guajajaras

---

123 Separata das Atas do XXV Congresso Internacional de Americanistas. La Plata, Argentina: Universidad Nacional de La Plata. Actas y Trabajos Científicos del XXV Congreso Internacional de Americanistas, 1932. Tomo I. Buenos Aires, 1934. Revista do Museu Nacional

do Mearim (cf. S. F. Abreu, p. 148, etc.).

No quadro infra, podem-se cotejar as medidas que obtive dos índios tupis do Gurupi (tembés e Urubus) e índios jés do Norte (2 caiapós do Araguaia, medidos no Maranhão).

	TUPIS		JÉS
	Tembé	Urubu	Caipó
Estatura	(7) 150,9	(4) 157,1	(2)
Índice nasal	(7) 69,9	(3) 77,5	(2) 68,2
"" tronco-estar.	(6) 52,2	(4) 51,0	(2) 47,8
"" facial-morf.	(7) 99,5	(3) 89,0	
"" cefal-horiz	(7) 78,7	(3) 81,2	(2) 79,2
"" cefal-vert	(5) 63,0	(3) 67,4	
"" túbio-pelv	(6) 124,7	(1) 131,6	(2) 150,8
Capacid. cran.	(7) 129,4		

*Pele – (escala Roquette-Childe) T. e U. – 7; olhos T. e U. – 7. Cabelos pretos lisos ou, nos Urubus, pouco ondedos.*

### ARMAS: ARCOS E FLECHAS

3. Já Dodt referia-se a arcos desconformes e flechas de 1,80m, dos Urubus. Os arcos de seção quadrangular do Gurupi são Urubus, inclusive, ao que me constou, alguns já em uso dos tembés. Os arcos iembés são: a) o de seção elipsoide e dupla curvatura (no 24.799 da Coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro), tipo já observado por Barbosa Rodrigues (*Revista da Exposição Antropológica*, p. 20); b) a seção semicircular (M. N. R. J., 2 exempls.) – cf. P. W. Schmidt (Konkave) – e idêntico ao que obtive em 1927 de pescadores "neobrasileiros" do rio Turi (Maranhão).

Este é, aliás, o que prepondera nos tupis, se bem que a inclusão nesse tipo, por Métraux, do arco tupinambá do quadro de Eckout, não seja rigorosa, parecendo-me até, pela direção junto à margem do quadro,

que o mesmo se devia aproximar do tipo de dupla curvatura<sup>124</sup>.



*Um Urubu e um autor*

---

124 (2, pl. 1). Na cópia de N. A. Lytzen, do Instituto Histórico Brasileiro, isto não parece tão evidente.

Tais arcos são indícios de que os tembés, se não os tupis em geral, participaram sucessivamente de uma aculturação amazônico-brasílica (Araguaia, Xingu) e de outra amazônica-setentrional.

O arco quadrangular leva até o Maranhão o tipo peruano de Meyer, que já era conhecido no Xingu (jurunas) e é excepcional nos tupis.

Temos na nossa coleção do Museu o no 24.524, típico, os números 24.803 e 24.805 e seção de quatro lados convexos, com enrolamento de fitas de fibra e fios com flores de plumas.

Os grandes arcos de guerra ultrapassam sempre dois metros e a seção máxima é de 32,5mm por 21 mm.

4. A *flecha* é guiada entre o indicador e o arco; os tembés puxam a corda pelo modo secundário de Morse, isto é, com o polegar oposto aos três dedos seguintes, e os Urubus por uma variante do mesmo mais acentuada, em que os quatro dedos ficam solidários, contra o polegar.

A cauda, sempre entre o polegar e o indicador.

Acompanhei a preparação de algumas flechas por tembés e um Urubu. Cada fio é preparado de algumas fibras de crauá (bromeliácea), untando-o com cerol e esfregando-o com as mãos. O cerol informaram-me ser composto de resinas de maçaranduba e leite de anani ou *guananim*.

Chamam os tembés *bh'ui uá* à cana (de *Gynerium sp.*), uídim à haste (burajica dos campônios maranhenses), *uirequara* à cauda; o batoque caudal é da ponta aguçada, tipo do nº 183 do mapa de Nordenskjöld (E. 3). As plumas diretrizes, em geral, de mutum (*Crax sp.*). O enrolamento dos fios é em sentido retrógrado. Quanto à emplumação, generalidade das flechas Urubus é a costurada, chamada "do Xingu". A emplumação normal dos tembés é a "este brasileira ou Meyer, prendendo as extremidades do eixo – a distal dobrada do lado da cauda; *mas* praticam, no conserto das flechas velhas, a emplumação turada, talvez aprendida dos Urubus. Também entre os ararandearas (*Lange*) existem a emplumação costurada e a este-brasileira, assim como entre flechas antigas guajajaras (M. N. R. J., no 2977). Os pescadores neobrasileiros do

rio Turi atiram, pelo mesmo modo que os tembés, flechas de pesca com batoque caudal e ponta de arpão.

Por um Urubu vi empregar o preparo da linha de crauá passando-a sobre o joelho, a ratificação da cana de *Gynerium* e o arrocho de amarrilho com uma corda presa aos artelhos por nó. – Cp. o processo guianês (Roth).

5. Várias flechas Urubus têm presas ao amarrilho distal a emplumação, de uma a quatro ordens de plúmulas, coincidindo esse dispositivo com o corte em curva das diretrizes.

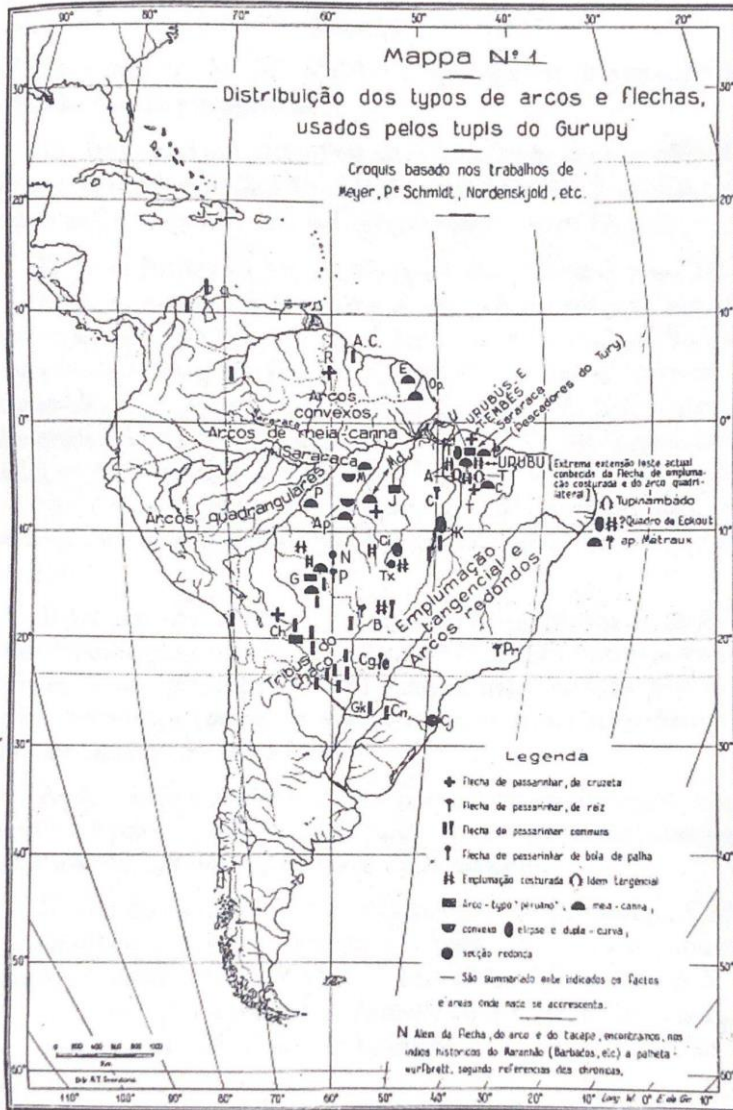
As pontas das flechas de combate Urubus são de ferro às vezes com gancho à maneira de arpão e medindo até 16cm, ou de lasca de Taquara (bambu), mais raramente de madeira (M. N. R. J., nº 24.538) ou de osso (M. N. R. J., nº 24.787). A semelhança das flechas de ataques colhidas no Gurupi, Turi e Pindaré demonstra a identidade da grande tribo, através da região (M. N., no 15.314, 24.504, etc.). As pontas de ferro são metidas num corte da extremidade da haste de madeira.

As flechas Urubus são dotadas do coquilho de tucum (*Astrocaryum*) semelhantemente às dos suiás e dos ararandearas. Mais um elemento a ligar os Urubus ao Tocantins e ao Xingu.

Nas cenas (no 24.787, 15.282) e nas taquaras de várias flechas Urubus há marcas pirogravadas.

São frequentes os amarrilhos para reforço da haste e emendas. Não raro as penas diretrizes Urubus são muito curtas. E abundante o uso do cerol que ajeitam com o dedo cobrindo os amarrilhos.

Entre as flechas do Museu Nacional, há uma série pequena, p. ex., 15.287, que veio indicada como de ataques dos Urubus, mas que difere muito das que obtive e das demais, por não ter coquilho e ser de emplumação com fio enrolado em espiral, tipo que se encontra na Guiana (Roth, pl. 19) e no Purus (Ehrenreich, fig. 44). Além disso, o acabamento de tais flechas é muito tosco em relação aos magníficos espécimes que conhecemos das flechas Urubus. É verdade de cortar a ponta de taquara é o mesmo, além de outros detalhes, mas que o modo por enquanto esses espécimes ficam admitidos como Urubus a título precário.



Entre as flechas tembés e guajajaras antigas do Museu, há também as de emplumação maué e do tipo Arara (no 1.883) e outras variantes, de fio enrolado, que, mesmo dando margem a alguma falha de etiquetagem, confirmam constantes relações entre os nossos tenetehare e as tribos



amazônicas até o Rio Branco.

As flechas de passarinhar de ponta de cruzeta dupla de pauzinhos, que vi fazer pelos tembés do Posto Pedro Dantas, corroboram tais ligações. Encontrei tais pontas em guajajaras e mundurucus.

O tipo do Roraima (Roth) é quase igual ao do Gurupi. O dos Yurucarés (Nordenskjöld) é de cruzeta simples. Dentro da distribuição cisandina e setentrional das flechas de passarinhar (Nordenskjöld, E. 1. Map. 3), as mais primitivas são as de ponta de raiz (jés, sul do Brasil), as mais complexas as da Guiana e do Gurupi.

6. Métraux (2, p. 76) interpreta uma das flechas do quadro de Eckout, do Museu de Copenhague, como de ponta de raiz; a mim me parece, sob a reserva de só conhecer o documento por cópias, que a simples, notando-se o amarelho escuro ou mal representada<sup>125</sup>.

Quanto à emplumação dessas flechas, também não me parece perfeita a interpretação do Etnólogo francês que as considera do tipo este-brasileiro.

Claude d'Abbeville, fol. 288 v., não esclarece se as penas eram presas "só na ponta", e, sim, que eram *attachées avec d'un fil seulement*. Também não parece no quadro que a disposição das meias-penas seja está vertical se afiguram independentes do amarelho caudal, juntas à cana e com uma ligeira torsão, tal como se fossem de tipo radial, se não do costurado. As penas são vistas todas no mesmo escorço, sendo inexplicável que ao realismo da escola holandesa escapassem as variações de aspecto da emplumação tangencial; a própria ablação de um lado da pena obrigado-nos a excluí-las, pelo menos da forma típica da mesma. Parece-me tangencial a de pluma amarela, na cópia de Lytzen (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

Os nossos dados acentuam a localização inicial dos tupis para os lados do Xingu e Tocantins, dentro da ideia do seu berço amazônico, formulada outrora por Gonçalves Dias (1, cap. I); Métraux, embora sem

---

125 Na estampa do Métraux. Na cópia de Lytzen, essa é análoga à terceira, e à quarta é de passarinha e mal definível.

citar o nosso grande indianista, demonstrou suficientemente a tese, sem embargo de tais dúvidas de detalhe.

7. Na Coleção do Museu, há algumas flechas ditas guajajaras (M. N. R. J., 15.204) — as mais grosseiras que conheço - de emplumação tangencial e que não são de *Gynerium* nem de taquarinha; parecem talo da folha de alguma palmeira.

É possível que sejam dos guajás, sobre os quais nada se sabe, sendo que no Gurupi fui informado de que apareceram esporadicamente no Pindaré e usam flechas grosseiras de uirimã (marantácea).

A sararaca é usada por tembés (M. N. R. J., nº 1.877) e pelos pescadores do rio Turi, Maranhão (desenhada pelo Autor em 1927). É um tipo de distribuição amazônica. Gonçalves Dias, no seu tão esquecido quão notável relatório sobre a coleção etnográfica amazonense que reuniu, fez uma interessante descrição da pesca por este processo.

### MORADIA, TRANSPORTE E VESTUÁRIO

8. Casas e canoas. - As casas tembés atuais são quadrangulares, cobertas de anajá (*Englerophenix* sp. — *Maximiliana* sp.); outrora, segundo Barbosa Rodrigues, eram de casca de abiurana (*Lucuma*). Há grandes Panchos abertos ao lado das casas com paredes de palha, na maloca *Igarapé Grande*; às vezes (Posto Filipe Camarão) são completamente fechadas, salvo pequena porta.

Observei "tapiris" Urubus na mata de Jararaca, simples abrigos de poucas folhas de palmeira, análogos aos dos ararandearas (das fotos de Lange), e aos de outras tribos amazônicas. Consta que nas aldeias Urubus predominam os grandes ranchos abertos.

Os tembés são admiráveis canoeiros, cuja habilidade observei nas cachoeiras, onde são indispensáveis na proa e no jacuma. O seu remo, como o dos pescadores maranhenses, é de folha arredondada, larga em baixo. O ritmo é quatro remadas - alternando as leves (1ª e 3ª) e as fortes. Os Urubus, vi-os remar e nadar bem nos postos; constou-me só tinham



em próprio canoas pequenas de casca de jatobá (como a dos tupis do Xingu e parintintins) e pouco navegavam; os ararandearas (Lange) têm canoas de tronco escavado.

9. No Gurupi, empregam os moradores a cobertura de folhas de ubim (*Geonoma* sp.) dobradas e presas em varas por meio de amarrilhos de cipó. Com um traçado poligonal de cipó, timbó provavelmente (*Serjania* sp.), o qual se prepara armando no chão com tocos, é dessas folhas feito o toldo (japá) dos igarçus. É exatamente o mesmo material usado no século XVII nas canoas em que os missionários subiram o Tocantins, conforme a carta do Pe. Antônio Vieira (*in* José de Moraes, p. 463). As cobertas de folhas de *geonomas*, com essa técnica ou não, aparecem na Guiana (Roth) e nas baixadas do Rio de Janeiro (ver *Une mission biologique belge au Brésil*) e de São Paulo (informação do naturalista A. Brade). Nota-se uma analogia entre a técnica desses amarrados de ubim e as fileiras de plumas com cordel principal e fio de amarrilhos, tác encontradiça no mesmo setor continental, inclusive nos Urubus. Não encontramos ainda um elemento comparável que permita admitir nos nossos índios uma relação entre a técnica das folhas amarradas e o vestuário de matérias vegetais, mas no próprio Oriente clássico acham-se e aqui citamos a título de estímulo ao estudo geral do problema – verdadeiros vestuários de folhas costuradas, de que fala o Gênesis, III, 7, e que usavam os sumérios (ver Christian, p. 27), cujas coroas de flores e folhas de ouro (das escavações de Ur) lembram os enfeites de flores polinésios.

10. O cesto de carga aberto. - O *jamanchin* dos nossos caboclos (*hotte*, *knapsack*, *tragkorb*) – *Guarayú basket* de Nordenskjöld (mapa 21) é um artefato de distribuição essencialmente setentrional e oriental; entre os tipos principais, porém, o de arcos e cipós do Xingu, e o de trançado regular, que é propriamente o dos guaraiús, e entre as variantes deste há grandes diferenças.

No Gurupi, colecionamos, além de um de trançado cerrado, como os dos guaraiús e dos rucuienes que um Urubu fizera no Posto, ao que me

informaram, vários outros, dos Urubus, de trançado aberto poligonal, todos de borda distinta do trançado e feitos de um cipó-timbó. Os dos tembés, que já existem no Museu Nacional, são de taliscas de uarimã (*Ischnosiphon* sp.) de trançados análogos, mas com a borda diretamente presa ao trançado (cf. Koch-Grünberg, B. III, t. 22,12). – M. N. R. J., no 24.575, 24.699, 2.651, etc.

11. Além desses, existem em ambas as tribos do Gurupi os cestos de carga improvisados de folhas de palmeira (no 24.582, dos tembés, fot. de Urubus no Posto Filipe Camarão). São um pouco diferentes dos da Guiana (Roth, pl. 124), pois no Gurupi o talo dobra-se formando uma armação em U. O nó médio da borda em trança é um *reef-knot* (*noeud plat*), elemento atribuído à cultura ocidental do norte (ver Padberg-Drenkpold, p. 6), se bem que as localizações de Nordenskjöld ainda o não imponham. Tais cestos são empregados principalmente para carregar cachos de açai (*Euterpe* sp.) e geralmente feitos de folhas palmeira. Vi voltarem da colheita um Urubu, com armas, e à sua frente, a mulher ajoujada com o cesto improvisado. Os homens Urubus, porém, também carregam, em marchas, de muitos.

12. *Redes.* – As redes de dormir (*hamaca*) dos índios do Gurupi (no 24.696) pertencem ao tipo de urdidura espaçada de "fio duplicado"; são dois fios que se dobram sobre si mesmos sempre juntos (cf. Ruth Haebler, fig. 1 e 2). É mais um traço comum a essa região e ao Xingu. Na velha rede (no 24.487), os consertos irregulares, com um só "fio duplicado", de fibra ou algodão, grosseiro, predominaram sobre os restos da primitiva urdidura regular.

As redes guajajaras do Maranhão (S. F. Abreu, fig. à p. 132) são mais ou menos semelhantes.

Nessas redes indígenas, primitivas, do Gurupi prendem-se os "punhos" aos "cadilhos", ou alças da trama, em grupos de número variável de alças (2 a 2 até 8 a 8) formadas de número também variável de fios de trama.

Na maloca Igarapé Grande vi um tear de rendeira tembé que faz

redes de urdidura cheia como as dos neobrasileiros e dos índios da Guiana (ver Roth). O material empregado é geralmente o algodão, em ambos os tipos.

Dorme geralmente um casal numa só rede, armada às vezes sem tapiri, bastando mesmo ao acampamento Urubu, como vi em Jararaca, árvores e uma fogueira.

13. *Tipoias (infant bearing-band)*. – O que lá se chama tipoia é a faixa de carregar crianças. Observou-a B. Rodrigues, larga como roupa nos tembés do Capim, e as guajajaras usam-na (S. F. Abreu, loc. cit.) de tecido civilizado. As das Urubus (M. N. R. J., no 24.485) são estreitas, da técnica da rede de dormir, análogas às das ararandearas de Lange.

A terminologia de Nordenskjöld a respeito deixa a desejar, apesar de toda a luz que a sua magnífica documentação lança sobre o assunto. A tipoia dos antigos cronistas (cf. Métraux, p. 122) e dos brasileiros é essencialmente uma faixa, cuja largura varia muito, mas sempre presa ao ombro e na qual se carrega a criança.

O próprio Nordenskjöld mostra como a tipoia longa que observou na Bolívia é provavelmente resultado do desenvolvimento da estreta por influência do vestuário quíchua ou cristão (E. 2, cap. XI).

Não há razão de chamar tipoia só a esta, e *bearing-band* à estreita, resultando daí não serem bem discriminados, por Métraux, os "*pagnes*", saias e tipoias, como no caso da *loin cloth* (a que os próprios ararandearas dão, segundo o vocabulário de Lange, o nome português de *tanga*).

As Urubus usam saias de algodão feitas por elas próprias e que sempre vestem desde meninas; essas saias – muito mais compridas que as "*tangas*" das ararandearas - vão quase até os pés (no 24.698).

Chamamos, pois, logicamente, *tipoia* simplesmente a larga, da Bolívia, *tipoia (infant bearing-band)* o tipo indígena brasílio-amazônico primitivo, distinguindo-as da saia, da tanga e congêneres, muitas vezes de influência civilizada.

As tipoias, vestuário em faixa fechada, as saias, as tangas, tipo bra-

sílio-amazônico, distinguem-se fundamentalmente do vestuário *amarado* do México e ainda mais das *camisas* do setor ocidental.

14. Fogo. – Os Urubus fazem fogo com dois bastões, um fixo sob o pé, o outro vertical, igualmente constituídos por duas longas varetas (M. N. R. J., no 24.690, 24.577); na extremidade do ignífero fixo, são feitos os entalhes onde gira a ponta do móvel. É o tipo de perfuração incompleta, o mais disseminado, inclusive nos tupis (Nordenskjöld, E. 3, cap. IX; Métraux, p. 100).

É de notar que, como os tupinambás antigos, os Urubus fazem o fogo de pé, deslocando a mão sobre uma boa parte do bastão vertical, como os vi fazer em Jararaca, graças ao enorme comprimento dos mesmos igníferos.

É possível que, à vista dos estudos de Nordenskjöld, esse tipo seja o primitivo, e só as viagens e a deficiência de material adequado levassem certas tribos a adaptar outros mais complexos.

5. Agricultura e *alimentação*. Os tembés atingiram, no século passado, uma situação econômica comparável à melhor do caboclo neobrasileiro; segundo Dodt, os seus roçados eram como os melhores da Província. O mesmo autor acentua que os tembés fazem "moquém" sobre grelhas de madeira, enquanto os seus vizinhos timbiras pouco usam a farinha, alimentam-se de tubérculos, e aquecem a comida entre pedras quentes, folhas e terra.

Os tembés plantavam milho, algodão, croá, árvores frutíferas. Derrubavam cada árvore por meio de uma fogueira, mal acabava a chuva, machucando os cipós entre pedras. A lavoura tembé tem um inimigo, o mesmo de toda região - a indústria extrativa. A copaíba, e agora o trabalho com os madeireiros, têm sido ensejo à estafa, ao álcool, ao abandono da economia indígena e sertaneja normais. Isto se reflete no físico, muito superior atualmente no Urubu aguerrido e isolado.

As roças tembés são geralmente próximas às casas. A de Igarapé Grande ainda está bem junto a estas. Para guardar a água e fins congêneres, servem-se, além de cabaças, de vasos, etc., de um

receptáculo de espata de palmeira dobrada.

Os tembés fazem farinha pelo processo mais comum no Norte: tipiti (cf. Métraux, Carte 5) do tipo corrente, sarilho e cochos, forno. O forno indígena com recipiente de barro queimado (ch. *Ararandearas*, Lange) encontra-se no Maranhão mesmo entre caboclos cristãos.

Constou-me que os Urubus possuem o mesmo complexo rural da mandioca, bananeiras e outras plantações, sem falar no algodão, que tanta importância tem nos seus artefatos.

Os Urubus possuem cães, que as mulheres criam carinhosamente e enfeitam (Colar no 24.697). Os outros animais domésticos nas duas tribos são apenas aves, xerimbabos em geral.

16. A plumária Urubu é uma das mais notáveis manifestações da arte indígena.

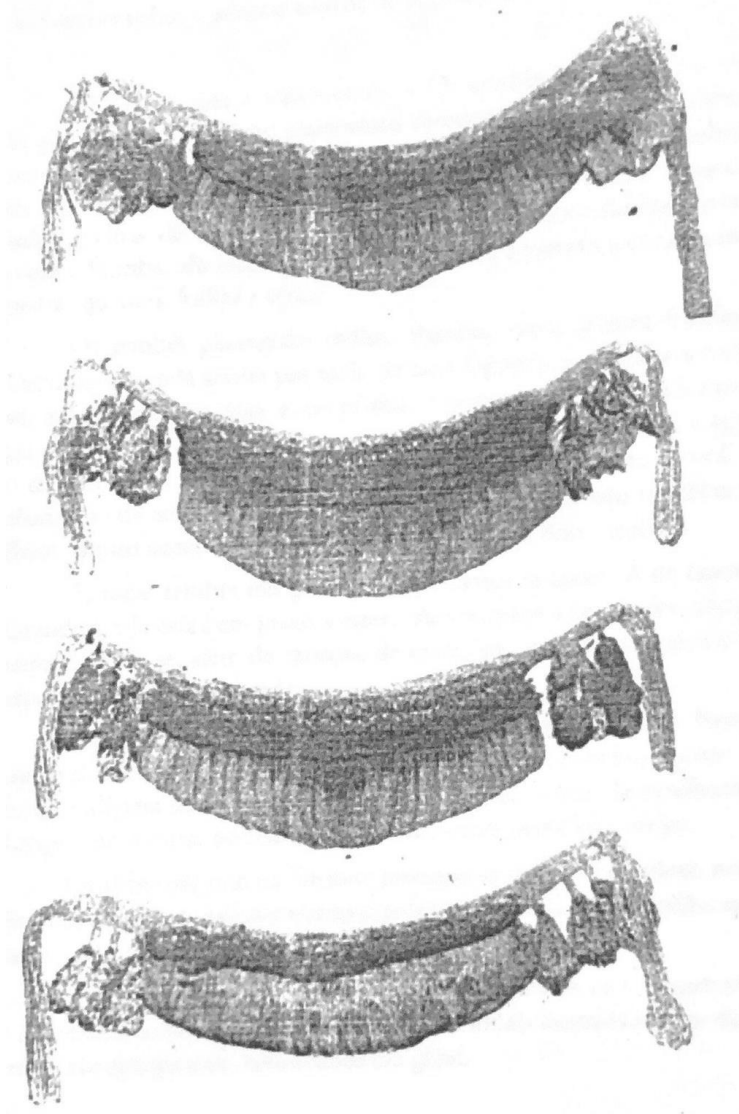
No nosso setor continental, eram conhecidos, antes, admiráveis trabalhos, de extraordinário efeito decorativo, mas em riqueza de colorido e de formas os dos Urubus preexcelem.

Podemos atribuir o farto colorido dos enfeites Urubus à sua vida sempre em matas de rica ornitofauna, em concomitância com o seu nível de cultura, especialmente o uso do algodão.

Os enfeites de plumas Urubus podem ser coordenados segundo os seguintes elementos fundamentais: *a*) as fileiras de plumas (bracletes); *b*) as placas coladas (ornatos e auriculares); *c*) os colares e colares-apitos reunindo esses dois dispositivos; *d*) as faixas de algodão e plumas; *e*) os canitares, reunindo fileiras de plumas sobre faixas de algodão; *f*) flores.

17. Por estes simples caracteres, vê-se bem o fundamento comum com a técnica dominante entre os outros tupis, a qual se distancia da de uma parte dos povos guianeses e do centro da Amazônia em geral, caribas e principalmente aruaques, onde preponderam os ornatos de plumas baseados no trançado de palha. Neste ponto, a técnica Urubu das plumas condiz, como a dos *bonets* e faixas mundurucus, etc., com a noção – resultante das investigações de Pe. Schmidt e de Nordenskjöld sobre as

redes (hamaca) – de que o algodão tenha sido disseminado sobretudo pelos tupis, que provavelmente o houveram dos povos andinos.



*Artes das plantas. Canitares dos Urubus.*

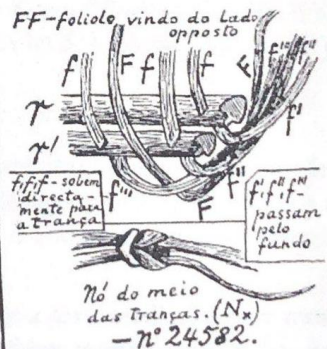
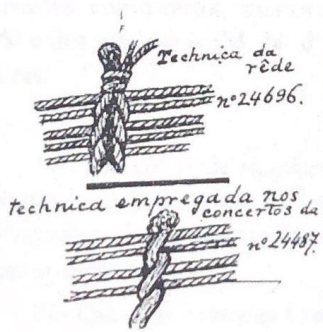
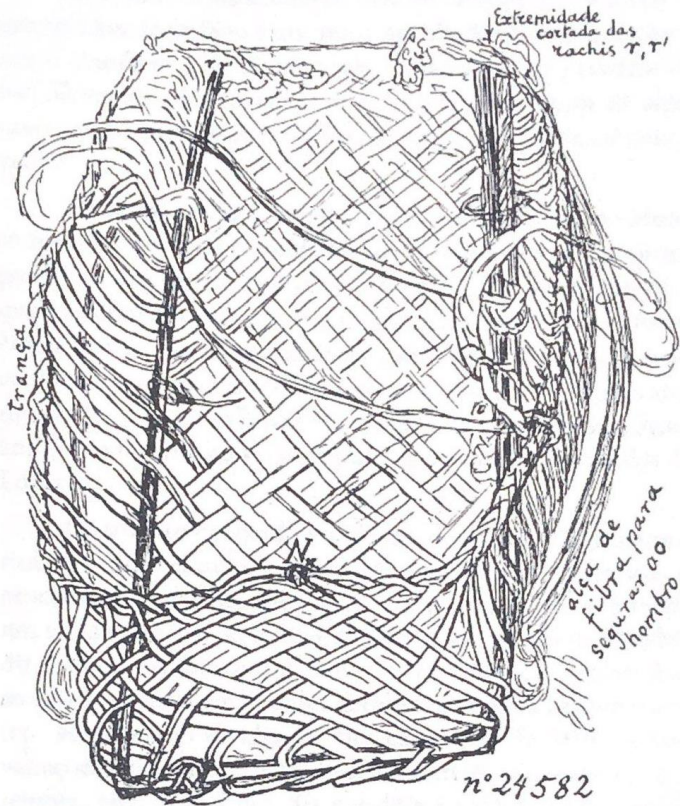
A plumária dos Urubus apresenta, porém, um caráter de grande importância classificativa, a laçada das fileiras de penas, pelo qual devem ser aproximados em geral dos "*Naturvölker*" da parte oriental da América do Sul; essas fileiras são costuradas (tive ensejo de ver uma índia Urubu, a mulher de Arajuba, costurar uma pulseirinha), mas são laçadas duplas, falsos nós, do tipo do chamado pelo nosso povo nó-de-porco (*demiclef de capelage*); é a técnica representada em Koch-Grünberg (Tafel 7).

Colecionei uma agulha de osso no Gurupi (no 24.574). O uso de tais agulhas de orifício é um traço de influência andina ou euro-americano. Também a técnica dos nós verdadeiros que prendem os cordéis das fileiras de plumas aos fios intercalados na trança de algodão dos canitares Urubus constitui analogia ainda mais peculiar com os peruvianos.

De acordo com a interessante noção do ensaio de Mead sobre a técnica das plumas, os verdadeiros nós insolúveis são próprios da arte peruviana antiga, em contraste com as laçadas dos selvagens atuais, as quais se desmancham se a pena é puxada ou destruída. Observa ainda Mead que os falsos nós são empregados pelos huicholes e pelos índios californianos - mais um indício de condições que a própria arqueologia mostra (Lopes, 1): os povos amazônicos tiveram, às vezes, ligações mais antigas com certas culturas da outra América que com as dos Andes (cf. Lopes, 2).

Outro fato concorde é a técnica do *filet*; na nossa parte da América, sua distribuição é nitidamente este-brasileira (Métraux, mapa 8), processo que existe no México (Seler), ao passo que os "ponchos" andinos são de mosaico de cordéis de plumas sobre tecidos. Não há confundir com outras formas a dos mantos emplumados tupinambás, atados ao peito (Cardim, etc.): antes derivaria esta da dos *bonets*-mantos deles (cp. *bonet*-manto de algodão dos cajabis, no 13.580), numa série de variações cujo outro extremo seria a estreita faixa-canitar dos Urubus, tembés, etc., a qual por sua vez deve ter derivado dos singelos tipos formados, como certos ornatos do Xingu (Von den Steinen, 1, t. 1 e S. 195) e dos guajajaras (M. N. R. J., no 3, 124) etc., de uma ou poucas fileiras.





18. Nas cintas de algodão com plumas, dos Urubus, os feixes de plumas são urdididos como os fios de algodão e por entre estes; a técnica de "urdidura de plumas em faixas" se encontra em outras tribos do nosso setor continental.

Na faixa dos canitares Urubus a parte média frontal é trança perpendicular de tipo análogo ao das faixas mundurucus; os fios da trama continuam para os lados em forma de trança comum e fios soltos, afinais, que se amarram sobre a nuca; da trança saem também os fios com ou sem o auxílio de pedaços de palha, suportam os pedaços de pele e as penas que formam os pingentes.

Esta técnica é também afim da das faixas dos diademas dos uaupés (Koch-Grünberg) e dos guajajaras, os quais, porém, pelo modo de prender as penas, diretamente, se assimilam à técnica mundurucu. Há ainda a do *frontlet* pauserna de Nordenskjöld (E, 3), no qual aparece o processo antigo peruviano das plumas com alças, o qual encontro esporadicamente numa flor de plumas Urubu (no 24.449, pente).

19. As flores dos braceletes de plumas e dos pentes fazem-se segundo uma técnica que lembra a das nossas flores de papel e a dos feixes de plumas peruvianos e dos tupinambás.

Tiro do caderno de viagem a seguinte anotação do preparo de uma para o pente (no 24.681), obra, não das mais perfeitas, de um Urubu jovem: *Aricha quer mitu pepó rae*, penugem de topete de *mutum*, para preparar as flores do pente. Quer linha de croá; *iraruira*. *Quer iraeiti* (cera). Faz questão também das penas de arara. Mete o croá entre os artelhos para separar. Afeiçoa a linha com a palma da mão. Dobra o resto da linha. Retorce a linha entre os dedos e contra a perna, formando o cordel para as alças, aos poucos, com fleugma, paciente. Pede o taquié para cortar. Tira uma outra fibra de croá, que encera e enrola. Depois enlaça as extremidades do fio encerado às do cordel, enrola-as um pedacinho, toma duas peninhas da ararajuba (amarelo-ouro) e amarra-as com o fio encerado; compara com as de ararajuba e diminui correlativamente duas penas de *mutum*, as quais põe por fora das de ararajuba e amarra

juntamente; depois amarra por fora mais duas peninhas de graúna; os pés das peninhas são deplumados e enrolados antes um ao outro; depois mais peninhas de graúna, completando, cada vez menores, o cálice da flor de plumas. A obra é a cada passo afeiçoada e inspecionada. Enrola sempre às avessas, *sinistrorsum*. Remata com uma laçada mais ou menos como as das flechas".

Os dentes dos pentes são feitos de palitos uirapitang (uirapinima dos tembés).

Essas flores formam verdadeiros diagramas regulares entre os quais (sem rigor de comparação botânica) podemos reconhecer, tanto quanto permite a estilização imposta pela sua técnica, os envoltórios tetrâmeros, no mesmo nº 24.681, dos que representam vagamente os órgãos de fecundação; uma flor hermafrodita (nº 24.451), estames (no 24.678, 24.445), etc. Não se conhece técnica mais naturalista, no gênero. Diferem consideravelmente das flores dos pentes dos uaupés (cf. Koch-Grünberg, 1, B. II, Abb. 171). Aproximam-se mais de certas flores do Brasil central.

O amarelo das flores ora é lateral ao hastil, ora terminal. Os pentes são todos do tipo de um só par de varetas e de palitos só de um lado, tipo que o Pe. Schmidt considera primitivo e, ao que parece, raro, pois se encontra no Peru antigo. Aproxima-se-lhes o dos schirianas (Koch-Grünberg, t. 48; 1 e 2), mais tosco e com o segundo par de varetas finas. O tipo Urubu é dos mais singelos como armação (cf. Max Schmidt, 1, p. 539).

20. Os colares-apitos são dos mais notáveis ornatos Urubus. Os apitos são todos de cúbitos de aves de grande porte e têm um só furo lateral. Há certa variedade de tipos, todos comportando os feixes de plumas de arara e as fileiras laterais e a maior parte "placas" do lado dorsal. Em geral as fileiras diferem das dos colares comuns por serem as penas coladas sobre pano, e num exemplar tem forma cilíndrica. A técnica das placas desses, dos colares comuns, dos enfeites de orelha, consta em geral de uma "pena inicial" dobrada para adaptar-se ao cordel, e sobre a qual as outras são

coladas. Nos ornatos labiais, a técnica é análoga, mas a pena, naturalmente, para adaptação ao furo, não é dobrada.

Os colares-apitos Urubus têm algo de análogo às trombetas tembés de madeira ou de chifre (B. Rodrigues), tipo que nos timbiras se modifica com *cabo* coberto de trançado (Canelas, apud Kisseberth, fig. 2, 2, cp. fig. 2, 9); as dos guajajaras (M. N. R. J., no 2.943) têm feixes de plumas de arara. Os bororos têm apitos geminados em colar de corda de pelos (M. N. R. J., nº 23.123), com três ossos. O apito de um Pajé paraguaio, mencionado pelo Dr. Demersay, em colar das conchas feito "do osso do inimigo" (p. 347), parece muito com os ossos de animais, e, sendo um *sifflet* e não flauta, os pontos representados ao longo dele devem ser as marcas e inserção no osso, bem visíveis, aliás nos apitos dos colares Urubus. Repare-se, além disso, na analogia entre o ornato da cabeça dessa figura, como um topete frontal e um feixe de plumas sobre a nuca, e o canitar dos tembés com *aranipeu* nugal e testeira (B. Rodrigues).

As trombetas de sopro lateral foram largamente estudadas por Nordenskjöld (E. 2, XX); observa Métraux que não se deve generalizar tanto como o ilustre Etnólogo sueco a influência negra no caso: quanto às do Xingu e dos parintintins, é pouco provável a influência, mesmo de negros fugidos. Seria mais fácil nos Urubus, onde há outros indícios do influxo afro-americano, mas quanto aos apitos e trombetas de sopro lateral, a sua presença numa vasta área central e nos tupis torna menos certa essa influência, assim como o material ossos quase sempre não muito longos, cujas apófises os tornam menos próprios ao sopro terminal, atribuído por Nordenskjöld aos búzios, ao passo que os chifres determinaram o lateral africano. Também nas de bambu dos parintintins (Nimuendajú, ver Métraux, pl. 8) o material favorece a abertura lateral.

É mister lembrar ainda que os colares de plumas Urubus não deixam de ter alguma analogia de forma com os dotados de placa peitoral, de melanésios, p. ex., das ilhas Carolinas (Haberlandt) não sendo esta a única analogia desses índios com aqueles povos oceânicos, consoante para outros mostrou Rivet.

21. Ainda algumas considerações de conjunto sobre as técnicas da plumária na América tropical.

A técnica do *filet* dos tupinambás, a qual, no Brasil oriental, onde se lhe podem até certo ponto assimilar as teias de fios espaçados dos braceletes chamacocos (Mead) e de certos canitares guajajaras, tem larga dispersão, e desaparece na Amazônia central. Existiu no México, onde os amantecas se serviam de uma espécie de retículo sobre armação de varetas para os seus quadros de plumas (Capitán, 87, Beuchat, 369, apud Seler). Infelizmente não conhecemos a mesma em objetos semelhantes, sendo que se atribui aos tupinambás o suposto "manto de Montezuma" (Hirtzl), penso que sem razão.

Como nos *bonets* e faixas da Amazônia meridional, mundurucus, cajabis, tembés, Urubus, assim como nos diademas uaupés, a trança ou tecido é cerrado. É possível que se hajam feito sentir não só a influência do material, o algodão, como a do tecido peruviano ou euro- É provável que, nos mundurucus, a influência da forma do *bonet* tupinambá seja devida ao êxodo desta tribo até o Tocantins-Araguaia (Vieira, Bettendorf, Moraes) e o baixo Amazonas.

Não esqueçamos que há coifas de plumas peruvianas que lembram as dos nossos tupis (M. Schmidt, p. 533; Joyce, pl. IX. 3).

Fora do Peru, nada se aproxima tanto da técnica das fileiras de plumas sobre tecidos como a técnica "híbrida" dos canitares Urubus.

Quanto à técnica dos mosaicos colados, ela se encontra, com muitas variantes, nos Urubus, no rio Negro (escudo imperial, trabalho de inspiração civilizada, M. N. R. J., no 5.981), nos diademas dos de Ji-Paraná, sobre faixas de tecido liberiano, nos ariquemés (Lopes, 2), entre os panos do Peru (Tessman, *kopfring* dos Simaku), enfim, no México sobre papel de maguei. Tem, pois, uma distribuição, tanto quanto os nossos dados permitem, na zona equatorial e subtropical.

Nos bororos, como noutras tribos, o mosaico se reduz à simples colagem em torno da haste de um bastão, salvo nos seus crânios e esteiras funerárias (Colbacchini, p. 161) que se colocam entre os melhores trabalhos do gênero.

Esta técnica foi talvez anterior às de redes e tecidos, e o processo de colar pedaços de peles sugere que a abundância de plumas e de resinas a deve ter determinado.

Das peles inteiras de tucanos, faziam enfeites os tupinambás, assim como fazem os auetô (no 3632) e os do Uaupés (Koch-Grumberg, 1 B. 1, Abb. 103, etc.).

*Os parintintins*, cuja cultura também nisto se afasta da tupinambá e da Urubu e afins, têm coroas de palha com plumas nucais apenas, e as de fios em armação de buriti (Nimuendajú, in *Métraux*). A coroa de palha reina na Amazônia e no Planalto da Guiana, onde há vários tipos de armações complexas, inclusive a irradiante, muito frequente (Koch-Grunberg, 1, B., 1, 2, III, etc) e a vertical (Roth. pg, 134). A coroa de palha circular de estreita orla de penas se estende pelo centro e sul da Amazônia até os nhambiquaras da “Rondônia” (Roquete Pinto) e os huari de Nordenskjöld.

Por outro lado, os diademas rotiformes da armação de varetas não os encontro no Gurupi e Maranhão, se bem que reinem na Bolívia, vertentes de Mato Grosso e Araguaia - mojos, baures (Nordenskjöld) apiacás (Siemieradzki), bororos (Colbacchini, v. d. Steinen) carajás (Ehrenreich, Krause), etc.

Esses diademas parecem ter tido uma distribuição inicial pela planície, de Mojos ao Pantanal, só depois atingindo o planalto de Mato Grosso. Parece, por essa distribuição e a do mosaico, que foram acidentais as interferências entre os movimentos de povos do Chaco o Araguaia (Krause, Padberg) e os dos tupis, irradiando do sul do Pará.

Se o centro de dispersão fosse mais para o alto Amazonas, como explicar que os tupis do centro e leste tenham tantos elementos de larga distribuição amazônica e ocidental, mas tenham mais aspectos regionais do Xingu que da Bolívia?

O diadema rotiforme, ornato dos grandes chefes de guerra, de plumas de quetzal, existiu no México (Capitán, p. 88 – exemplar do Museu de Viena), com uma armação de varetas e *filet*.

A crítica de Métraux (p. 302) às ideias do Pe. Schmidt e Krause sobre







Os próprios canitares compostos de faixa e plumas nucais diferenciam-se na forma e na matéria, enormemente, do Pará-Maranhão (Gua-jajaras, M. N. R. J.) até o Madeira e o Paraguai, tomando nos huanyam (Nordenskjöld, 1, cf. 46) a forma de simples cingulo segurando um tufo de penas.

22. Dos tenetehare – especialmente dos tembés – possui o Museu Nacional notável coleção, em que há magníficas peças dos tipos descritos por B. Rodrigues, como o *araué* ou *cetno* (nº 15.137), o diadema de testeira alta e um manto (no 2956) guajajara, de fileiras de plumas.

Numa coleção mais moderna, dos postos do Serviço de Proteção, predominam as coroas de algodão com flores e pingentes.

Patenteiam-se ante esse material dois fatos: analogia entre os tipos tembés e maués antigos, e o predomínio, depois, das faixas de algodão, comuns com a Guiana (Roth) e outras regiões amazônicas.

23. As *plumas*. – Creio não exagerar dando a primazia aos Urubus, entre os índios do nosso setor americano pelo menos, na variedade das plumas que empregam. Ordinariamente, os índios se contentam com plumas de psitacidas, arara, papagaio, ou de tucano, garça, nos uaupés; as do gavião-real (*harpya*), as do guará (*Ibis rubra*) e da ema.

Os Urubus, não: além dos psitacidas, exploram os passeriformes, os crácidas, columbiformes, etc., se bem que por condições do seu *habitat* e costumes, muitas daquelas a que outros índios recorreram faltam aos seus ornatos. Além disso, há verdadeiro desperdício, como em poucas ou nenhuma das outras tribos: cada um dos grandes enfeites absorve dezenas de plumas de cinco ou seis aves grandes, seis e mais passarinhos. A não ser as *aigrettes* e outras entre os uaupés e a criação de gavião-real no Madeira, não vejo nenhures tal prodigalidade.

Os canitares todos começam exteriormente por uma orla das plumas pequenas e brilho de bronze, de *Columba Speciosa*, L.; depois, outra série do dorso do mutum (*Crax* sp.); no meio, várias de psitacidas. Estas são de três tipos: as das asas de *Ara macao*, e *Ara Chloroptera*, na sua ordem

natural, a primeira dando, como se sabe, quase toda a gama espectro; a segunda, uma série de variações do verde e do vermelho; enfim, as caudais de papagaios amarelos provavelmente de variedade albina de *Amazona aestiva*, L.; estas determinam um intenso contraste de colorido com o preto dos do mutum.

[Como essas penas amarelas são mais numerosas que o permite a variação natural e como o "capitão" Urucu insistiu em preferir, para fotografar-se, um desses canitares amarelos, presumo serem devidas à decoração *artificial (tapirage)*.

É de notar que, segundos os dados coligidos por Métraux, o descoramento das plumas de papagaios e periquitos importa em geral em mudarem de verdes para amarelas.

Condiz a distribuição da *tapirage*, dos tupinambás à Guiana (Métraux, 1, p. 149; 2), com o que já sabemos da aculturação dos Urubus.

As penas dos pingentes dos canitares são ora- no 24.594 - da pele do peito de arazaris (*Pteroglossos sp.*), ora da do dorso e cabeça de *Metopias Galeata*, e há um de uma combinação de penas de arara e do mais belo dos surucuás, o *quetzal* dos mexicanos, *Pharomacrus pavoninus sp.* (n° 24.590).

24. As flores dos pentes e braceletes têm das lindas penas borladas da *cabeça* de mutum listradas de branco, característica das fêmeas dessa ave.

Nos ornatos labiais, observamos magníficos conjuntos de peles do peito e penas de asas de mais de uma espécie de *cotingas*, e talvez de *sais* sobre *plumas iniciais* longas, de arara; as placas dos colares apresentam não só penas roxas e azuis de cotingídeos e outros pássaros, vermelhos, de um *Rhamphastus*, enfim uma placa do colar (no 24.467), a obra-prima, talvez da coleção, da cauda de *Phoenicocercus carnifex*, L., vermelhas de ponta parda com sete incrustações que são cabeças de pássaros, provavelmente *Cyanerpes Cyanea* (Coereba sp.). No ornato labial (no 24.613), outra peça de rara beleza e elegante composição, há duas incrustações que são das lindas cabeças iridescentes de *Pipra opalizans*,

Pelz.

Em colares-apitos, notam-se, entre outras já citadas, as de *Uruchroma* sp., vermelho, verde, pretas e as do "anaca", *Deroptyus accipitrinus*, L., o único kakatoe da nossa fauna (no 24.720) e as retrizes de um trogon.

25. Esta riqueza de cor não é utilizada a esmo; com um senso do colorido, o qual se iguala ao dos povos indígenas mais cultos, e que atingem os outros índios selvagens atuais, com uma firmeza do raro que se poderia chamar estilo da tribo, quase como a dos bororos e mundurucus, os Urubus sabem distinguir essas plumas. Jogam com as complementares, as nuances, as gradações, como verdadeiros pintores, graças sua técnica de pedaços de pele que são efetivamente massas cromáticas no sentido pictórico. Eles criaram uma arte de "joia de penas". Outros lhes levarão certas vantagens, ora na imponência cenográfica, ora na preparação material, sem desmerecer, porém, as tribos que mais se adiantaram nesse campo, como os uaupés, tembés, tupinambás, Araras, de participar da monótona simetria das artes selvagens, os bravios e alegres Urubus são os mais finos artífices das plumas nas nossas selvas.

Em contraste com essa abundância, notemos que certas tribos das regiões campestres não desenvolvem melhor a arte plumária por deficiência de material; é o caso de índios do Roraima (Koch-Grünberg, 2, B. III, t. 7, 2 e 2a), que partem ao meio as penas de certos enfeites, provavelmente para obter maior aparência.

*Notas.* – Na determinação das penas, serviram-nos principalmente, além do auxílio dos especialistas, as obras de E. Snethlage e E. Goel- di, sobre a Ornis Amazônica.

Para dar uma ideia da plumária Urubu em sua pujança, basta dizer que a coleção da nossa excursão ao Gurupi abrange canitares.

26. *Amarilhado* do pênis. – Os Urubus amarram o pênis com um fio de fibra, de modo a ficar reduzido de tamanho. Registrou-se este uso nos tembés e numa série de outros no centro e no extremo norte do continente.

O amarelo tupinambá (d'Abbeville, p. 276-77), com uma *pièce de*

*drap* pendente, exatamente como os Urubus, usavam os impúberes. Ainda nesse particular, não aparece nos Urubus e mais tupis o uso especial das tribos da alta Amazônia – pênis amarrado a uma cinta (cf. Nordenskjöld, E. 3, mapa 19).

27. *Os furos labiais e auriculares* são muito pequenos. Habitualmente, nada nos furos do lábio inferior, ou só uma pequena pena. Os amanjés, segundo B. Rodrigues (Relat. S. o. R. Capim) usam também ornato labial de plunas; segundo *Notícias Ultramarinas* (t. VI, p. 9), usavam canudinho de penas no lábio *superior* (cf. Nhambiquaras, Roquette-Pinto, p. 216). Nordenskjöld considera a pena *labial*, de que, aliás, não cita exemplos, o tipo primitivo desse gênero de ornato.

Os também puros usavam pauzinhos. Vi uma tembé (do alto Gurupi) que ainda tem furo labial. Parece, pois, que a mata do Gurupi ficou estranha ao uso dos tembetas de pedras verdes dos tapuias e *tupinambás*, índios da região oriental, de artefatos de pedra verde, e tão prezados, estes, que no Maranhão um *long-cheveux* pediu, por um tembetá, ao cronista francês, um navio de França com a respectiva carga (Yves d'Évreux, p. 40).

28. *Pintura corporal*. – Os Urubus, tanto homens como mulheres, pintam-se de urucu e jenipapo, formando traços, pontos e faixas, estilizações faciais. Consta no Gurupi que os índios pintam o rosto de urucu "para se defenderem dos raios do sol", o que é plausível, visto terem as experiências de A. Osório de Almeida demonstrado a ação protetora dessa substância.

29. *Epilação*. – Os Urubus cortam em geral o cabelo sobre a testa e deixam-no longo para trás, sendo que alguns velhos, como Urucu e os do seu grupo, o cortam muito ao alto da fronte na linha de inserção e raspando mesmo o cabelo para os lados. Eram as tonsuras usadas pelos tupinás e, a segunda, a dos tupinambás, segundo dados dos antigos autores coligidos por Métraux (1, cap. XIX).

Como os amoipiras do médio rio São Francisco cortavam-nos ao

redor, como os tapuias e os atuais do Xingu, pode-se bem dizer que a tonsura frontal se espalhou pela costa e pelas matas paraenses, e a outra no Planalto Central.

## MÍMICA, DANÇA E CANTO

30. *Cumprimento e sinais* – Os Urubus saúdam, ao chegar ou ao despedir-se, elevando a mão ao lado do queixo, dizendo *ahotari*. Esse cumprimento é semelhante a dos ararandueras (Lange). Empregam, igualmente, a expressão híbrida, *catu camará* para saudar a nós, os estranhos.

São corteses e joviais, na paz, quanto ferozes na luta. Constatou-se que se pintavam “de onça”, com jenipapo, ou *esturravam* como jacamim como sinal de hostilidade, e que avisam sua aproximação, em certas circunstâncias, imitando o grito do caã-caã (*Ibcter americanos* Bodd), ave pelo qual, segundo meus informantes, têm veneração. Ao que me constou, e por notícia do Serviço dos Índios à imprensa, nos pródomos da pacificação deixavam, nos pontos de brinde, simulacros de facões, etc., significando o que desejavam.

31. *Marcha coral (ingare)*. – Logo ao chegarem os primeiros que vi no Posto de Canindé-Uaçú, começaram, imediatamente após cumprimentos, a dançar o *ingare*, espécie de refrão com marcha coletiva de braços dados.

O *ingaré pokui*, “canto da rola”, em rola mais simples, e o *ingare saracura* e outros, dando voltas e batendo os pés, são variantes acompanhados dos *hô, hô, há*, etc., guturais.

O “capitão” Arara, além disso, *representou* as seguintes melopeias, onde algumas palavras mal deixam perceber o sentido entre os sons de valia onomatopaica ou puramente rítmica:

*Ingare Turi: ê-tun-ê-tûu êê – êre ê Turi*. (Enquanto isso, vai dobrando os joelhos, voltando e recuando).

*Uirapa’inham (uirapar: arco)*. – Ui, eeê, uirapr-i uirapa’y-ui-eê ui-éé uirapar-i

Ingare Juruti (pronuncia quase junrutchin). – Aquere; dormir.

É juruti-quer – ó, í, ê, ê juruntin’quer.

E juruntin pinima quer, um jurutin quer, ju-ru-tin quer ee-ô-pica! Ô pinim'a'quer'ejurutúm.

No Jararaca, vi dançarem o *ingare* as mulheres Urubus, com algumas tembés, ou com seus compatrióticos. Dançavam-no quase toda a noite na grande "casa de forno" de farinha na qual muitos tinham acampado. Em terreiro livre, a dança dos homens mostrava caráter de verdadeira marcha ginástica, com respiração intensa e oscilação vigorosa do busto.

Não consegui vê-los dançar dessa ou doutra forma com os ornatos de penas. A dança do tamborim – obtive um, objeto de aspecto adventício e grosseiro, constando-me até que os tomaram em ataques, ou que são de influência negra – lembra, porém, em certos passos ou, antes, pulos, nas pontas dos pés, joelhos dobrados, corpo inclinado a frente, uma parte das danças tembés descritas.

32. Danças com tamborim ou caixa sobraçada são vulgares na população negroide do Maranhão, por ex., a Dança do Sapo, entre os moradores da Capoeira Grande do Turi (informação do professor B. Freitas). Releva notar que elas parecem, nas confrarias negras de São Luís, que observei acompanhando por algum tempo estudos mais circunstanciados de Antônio Lopes (o qual organizou para o Instituto Histórico a coleção talvez mais expressiva do africanismo brasileiro), a dança de caixa [que] acompanha mais geralmente os préstitos semicatólicos; a pura dança africana ritual é livre e rápida na movimentação ao som de tambores fixos. H. Snethlage observou no Maranhão uma "dança do sapo cururu". As atitudes do pajé tembé, quando dança acocorado, sugere uma correlação dessa dança com a do sapo.

De um modo geral, pelo que atrás vimos dos ingares Urubus e pelo que diz Dodt sobre as danças tembés da onça, do jacamim, etc., a dança imitativa de animais, com marcha ou saltos, parece bem dos índios, sendo o elemento estranho só o tamborim.

Nas regiões guianesas, Koch-Grünberg encontrou o tambor com nome deturpado do português, e por toda a parte ele parece ser uma das cousas que o índio sempre assimila do afro-brasileiro.

Vi de posse de um chefe Urubu um maracá de feitura tembé; constou-me ainda que uns rapazolas tembés obtiveram alguns dos enfeites que colecionei, mediante dançarem o bumba-meu-boi para os Urubus. Essa facilidade de adaptar-se a usos estranhos parece maior nos tupis que nos timbiras, especialmente os Canelas, que conservam íntegra a sua organização, que C. Nimuendajú tem investigado; contudo, ainda Kissenberth (Wörterliste) ouviu-os chamar o maracá pelo seu nome tupi.

33. *A magia tembé* e, em geral, tenetehare é regularmente conhecida, graças, em primeiro lugar, a Dodt, que já registrara, na sua notável observação no alto Gurupi, o papel dos quatros mágicos, cada um deles com um objeto simbólico - o pajé "dançador" com feixes de plumas, os outros com arco e flechas, tacape e maracá, diferindo a dança dos pajés, com coro só de mulheres, da dança simulada de caça e guerra. A conhecida dança em círculo dos tupinambás da gravura De Bry (Métraux, pl. 1), com quatro pajés vestindo mantos ao centro e sem sair do lugar, difere (Yves d'Evreux, p. 133-34) da *porasséu tapoui dos caietés*, por ser esta alinhada *queue à queue* e pela gesticulação.

Houve, pois, sempre entre os tupis danças variáveis, conforme a finalidade mágica ou as tribos. Sobre a importância das divisões *quadripartites* e das "rondas" em rituais indígenas, totemistas, etc., não cabe aqui deslindá-las, mas veja-se além da teoria estelar da obra de Zélia Nutall, os dados de Colbacchini sobre a organização bororo, e ainda Lopes (2), Roquette (p. 260), etc.

Os tembés têm a "festa do mel"; B. Rodrigues descreveu em seu relatório e ilustrou na Revista Exp. Antr., a festa da "tucanaíra", em que o mel desempenha papel essencial e em que há coro de mulheres em lembrança dos mortos. Compare-se à que Dodt bem descreve, na qual os caçadores bebem o mel.

34. *Caruara*. – A cerimônia a que assisti na aldeia Igarapé Grande é uma operação ligada à magia curativa mediúnica. Ao que pude interpretar, o pajé, para tirar a doença, precisa entrar em "participação" com o causador da doença, o caruara. Caruara, na língua-geral e termo vulgar de caboclos



brasileiros, é doença "feitiça", reumatismo, entrevamento. Os pajés das nossas populações mestiças, os quais ainda usam maracás, mas efeitados só de fios, simulam *tirar* do corpo doente rãs e sapos e outros bichos; lembro de passagem os muiraquitãs raniformes e a significação dos batráquis como símbolo de fecundidade.

O *pazé*-capitão Manuel é tuxaua hereditário que ainda usa um boné militar como emblema de "patente"; é "tirador de caruara"; tipo de aparência concentrada e ingênua, aliás gozando de bom conceito pessoal na região.

Eis a cerimônia a que assisti:>

Alguns índios, sentados num banco, cantam monotamente, tocando maracás: *Sazingare emurupare* (amigo, vamos cantar). Chamam o espírito, mas só o *pazé*, que vai comer o fogo, *ver-lhe-á o vulto...*

*Êzure caruara*, *êzure tatá-u* (vem fogo comer).

*Êzure caruara!* *Êzure sazingare caruara.*

As mulheres começam a cantar um coro monótono: *hê, hô, hô...*, alteando a voz; vão e vêm "para animar" o pajé, e uma delas acende a fogueira.

O *pazé* fuma um enorme cigarro, *petin-uhú*, feito de *petim'pirére* (literalmente, "pele do tabaco"), casca de tauri (Lecithidacea, provavelmente couratari); depois de ter esperado um tempo olhando e soprando baforadas para os caminhos, começa a dançar rodando e pulando pelo terreiro; segundo depois me disse, é então que ele começa a ficar trêmulo, e o "amigo" (o espírito) "entra" no corpo dele que, em tal estado, não sente o fogo. Com efeito, vi-o vir dançando de cócoras para a fogueira, e levar brasas à boca, afigurando-se-me que as punha entre os dentes; não notei demudação considerável da figura nem queimadura; nada posso mais afirmar sobre esse "faquirismo", pelas próprias circunstâncias da cerimônia noturna e porque me pareceu preferível, a perturbá-la, interrogar depois o pajé. Este me disse que o "espírito" não gosta de cheiros fortes; ao pajé, se os usa, trazem-lhe mal.

Quando o fogo vai-se apagando, as mulheres atinçam-no; o *paké* sopra-o com o cigarrão. Depois, ergue-se, dá mais uns passos e o desperta

do sonho.

Ao que me disse “capitão” Manuel, eles não julgam que o maracá tenha um “espírito”.

### CRENÇAS. LENDAS

35. Dizem alguns acreditarem no zoantropismo (encantamento em bichos), mas “capitão” Manuel não mo disse. Não creem que Tupã seja uma divindade superior, mas um grande espírito como outros da natureza. Têm muito vaga ideia do herói civilizador. Ajang (Anhangá) é um pesadelo, um espírito que oprime; não sabe se é alma de morto.

Têm as crenças comuns, que ficaram às lendas e ao temor dos nossos caboclos, sobre o *Currupira* e o *Caipora* (que parece identificável ao *Zabú-Zahú*).

Métraux, que estudou brilhantemente com o auxílio da velha teogonia de Thevet e dos estudos de Nimuendajú sobre os apapocuvás e os tembés, a religião tupinambá, exagerou talvez um pouco em detrimento de Tupá (2, p. 52-56) e dos gênios do mato (p. 57-67), ao passo que pôs em foco os mitos dos heróis criadores e civilizadores (p. 7-30). Tupã, aliás, como gênio do fogo e do trovão, tinha mais ligações com esses heróis, que são estelares, que com os gênios da terra (ibidem). Não me parece que os mitos criacionistas sejam mais isentos de remodelação cristã que o respeito a Tupã.

Obtive versão incompleta, de *Miguel r'aira*, que lembra a da “terra sem mal” colhida de tembés por Nimuendajú; pois nessa versão, é *zanerú* (nosso pai, *Nhanderuvucu* dos guaranis) quem cria o mundo... com São Pedro. E Sumé, o mestre da cultura, confundido com São Tomé pelos cronistas...

Gonçalves Dias (1, cap. VII), foi talvez o primeiro etnólogo que comentou com a devida e prudente simpatia a teogonia de Thevet, servindo-se do extrato de Ferdinando Denis em *Une Fête Brésilienne à Rouen*.

Couto de Magalhães deu como chave das crenças tupis a ideia das

mães das coisas, posta em cheque pela interpretação das palavras sol (*corahi*) e lua (*jahi*) segundo Tastevin, como derivadas de "doente", *acy* (*abi*) e não de "mãe" (*cy*). O sol, no mito solar mexicano, as estrelas na teogonia tupi, é herói morto na pira. Mas o que o Autor de *O selvagem aduz* (V Parte, VIII, etc.) justifica a ideia dos gênios protetores apenas quanto aos gênios do mato, como o *Caapora*, que Gonçalves Dias mencionou (I, p. 130), sendo confirmada pela lenda tembé do *Zahú-Zabú* (o Bicho-Grande); talvez se possa aproximar a ambos do *Kaaggerre* das crônicas e do próprio caruara. Confuso e mal estudado embora papel, nada é mais indígena, na crença tupi, que tais gênios.

Quanto aos Urubus, além da magia venatória, transparece nos *ingare* e outros pontos comuns com os tembés. Consta-me que um Mirá, apontou o arco-íris com o cotovelo, porque, dissera, se o fizesse com o dedo, este se lhe cortaria.

De um modo geral, nos tupis do Gurupi encontram-se nítidos os canto propiciatório de caça e guerra, três aspectos das crenças da raça magia do fogo e curativa, astrolatria com mitos cosmogônicos.

No espírito primitivo, elas não podem estar bem separadas, antes se interinfluenciam nas mesmas cerimônias.

36. *Família*. – O totemismo não parece ter-se constituído entre os tupis, muito menos com o desdobramento por assim dizer clássico dos bororos (Colbacchini).

Os parintintins têm uma organização de duas classes totêmicas: *mutum* e *kwandú* (Nimuendajú).

Alguns Urubus, parece, usam nomes animais de parentela: *mutum*, *macuchi-manguá* (*quatipurú?*). Não observei, porém, fatos que evidenciassem entre eles uma clara organização em clãs. Os Urubus dão-se nomes de animais e vegetais: Uiraú, Mirá, Urucu, Arajuba, Uirarapure (grelho de árvore), e outros com o sufixo *irimbó*, que lembra o nome de um dos pajés tembés de Dodt - Mainá (beija-flor) Guariba, Quandu e *Arapuá-arembó*.

De qualquer modo, tendem para as grandes famílias, não me sendo

possível deslindar se predominam tendências patriarcais (Arara, do grupo setentrional, é polígamo) ou a influência das matronas, que entre as que vi em Jararaca notei muito acatadas.

A situação da mulher, em todo caso, é boa: pintam-se, dançam o ingare, participam da plumária e de outros usos da tribo, são em bem tratadas, agindo bastante por si, mais talvez que as tembés.

Criam os filhos com carinho e severidade.

Registrei duas uniões de jovens Urubus com moças tembés.

Dodt fala de um amanajé casado com a neta: questão de sistema restrito do parentesco, talvez. Segundo esse explorador, as cerimônias do casamento constam apenas de armar a mãe a rede da filha junto à do noivo.

O divórcio é fácil e frequente.

No Gurupi, descreveram-me uma cerimônia mais complexa: caçam, moqueiam, fazem bolos para os convidados; os noivos se tingem completamente de jenipapo, o noivo põe gola e pulseira de penas brancas; dançam em roda de mãos dadas.

Nos tembés, é forte a autoridade paterna, em caso de casamento e separação.

37. Funerais. – Os Urubus, que já acontecera enterrarem um morto em Canindé-Uaçu, consta que enrolam o defunto na rede, enleado com cipó ou fio, e colocam-no na cova com os pés para o nascente, sendo grave ofensa enterrá-los noutra direção. Põem junto ao defunto um tição de fogo.

Os tembés (Dodt) enterram os seus em cova, sob montão de terra sustido por estacada e coberto por uma casinha, ou então sob a rede, em casa. Hoje, à moda cristã.

Os timbiras (Dodt e informações) enterram o defunto na praça da aldeia, com tudo o que lhe pertencia, de cócoras; sobre a sepultura, terra, toros de madeira e coberta de palha, choram com barulho por oito dias.

*Observação.* – Em matéria de usos e crenças e alguns pontos mais, tive de me valer de informações do pessoal dos postos, Srs. inspetor V.

Bandeira, A. Bandeira, M. Silva, Mesquita, Grego, Temb  Caetano, etc., procurando sempre completar as de uns e outros.

38. *Os grupos tupis* – Urubus, tenetehare (tembés e guajajaras), amanaj s ou ararandearas, turiuaras, e não sabemos se os guaj s também, formam na mata do Maranhão e Pará oriental um bloco geográfico de dialetos da "lingua-geral", ao passo que os j s-gr s (timbiras-crejes do Gurupi, gaviões-piocobi s, etc., do Tocantins vieram do chapadão do Meio Norte.

O bloco da "lingua-geral", ao sul do Amazonas, vai, geograficamente visível, mas heterog neo, até a Bolívia (chiriguanos) e Goiás (canoeiros). Antes de cortados os grupos paraguaio, peruviano-amazônico e guian s por fatos do século XVII, p. ex. as lutas bororo-caiapós (Teodoro Sampaio), muito provável que os caingu s se aproximassem outrora mais de outros tupis no Brasil central. Os guaranis, afinal, são uma das grandes tribos diferenciadas mesmo pela cultura, mas o respectivo,   vista do magistral estudo de B. Caetano Nogueira, difere menos do tupinamba, do Urubu, e mesmo do "Aueto" do parintintim   dos impuros que vários dessas, entre si<sup>126</sup>. Não há subfamílias tupi e guarani, mas a série da família tupi-guarani (L. Adam).

Parece-me ocioso discutir se o verdadeiro nome   tupi ou guarani, ou se tapuia é o mesmo que tudo: tapihiya.

Segundo o Padre Tastevin (p. 549), parecendo-me insuficiente mente provada, por simples etimologias, a ideia do *tapir* como grande totem<sup>127</sup>. Os estudos desse ilustre missionário muito adiantaram, como reação do espírito filológico contra as velhas gramáticas tupis artificiais; o vocabulário de Stradelli é mais abundante, porém menos seletivo. Mas não se pode, em questões de fato, prescindir dos cronistas franceses, que tinham intérpretes como Des Vaux e Migan, e os jesuítas, que os traziam do mato, e o que se sabe de índios puros, em favor de quaisquer estudos sobre as populações bilíngues e cristas, quer do Amazonas, quer do

---

126 Sic no original, trecho evidentemente truncado. (N.E.).

127 Idem (N.E.).

Paraguai.

39. O dialeto Urubu é tupi bastante puro, com formas aspiradas, vocalizadas e contractas; p. ex. *ubu* (quase *urru* em tembé) grande (língua geral: *uaçu*); difere do tembé, por ex., no transformar este em z e o Urubu em i a semivogal representada por j na grafia brasílica. P. ex., *iabi*.

Entre os diversos que reuni, o vocabulário de parte do corpo que obtive pessoalmente do "capitão" Arayub (arara amarela) representa o verdadeiro Urubu, praticamente escoimado de tembeísmos, e aproxima-se principalmente do amanajé de Nimuendajú ou ararandeuara de Lange. A semelhança com o cawahiba, apontada por Duval Rice (v. *Journal de la Société des Américanistes*, I) é mais vaga em face dos próprios vocabulários que confronta.

Faltam ao Urubu, como ao tembé, certas labiais e terminações; ex.: *cawahiba ae-rekwat*, meu olho; *u-neeha*, teu olho; *cawahib-ae-fapé*, minha unha da mão; *urubu-hépopé*.

Esses sons são tão característicos que aparecem nos nomes tribais do Madeira: *Cawahib*, *Parnauat*, *Kep-kiri-uat*.

Por tudo isso, o Urubu pode ser tido como mais próximo do tupi de leste que aqueles dialetos e mesmo o tembé. A pronúncia tembé está menos afastada desses dialetos centrais e é justamente a dialeção como o arco que nos mostra não proceder o Urubu dos do alto Xingu, embora (pela "zona das cachoeiras" provavelmente) tenham-se relacionado.

Não quero dizer que o tembé, o aueto ou o parintintim sejam tupis menos puros que o Urubu, o ganajé ou o Guarani; em todos esses dialetos, as *leitwörter* e, quanto as conhecemos, as partículas sintáticas e a maior parte dos radicais são legítimo tupi.

Se há impureza, é de pronúncia, sendo digno de verificação se ela provém de um elemento estranho, porventura para os z e c, etc., das gírias tenetehare, os cariris no qual Batista Caetano viu afinidades tupis e o próprio Canela (v. Kissenberth, S. Abreu, H. Snetlage), que usam e abusam dos grupos ts, cs. Só assim poderemos saber qual dos dois gru- pos fala de

fato a língua boa: *nheengatu*.

Não vi falado o tembé nem o Urubu com a gama *nasal* que faz tão esquisito o tapirapé (v. a revista *Carajás* e Caiapós).

Os Urubus e o ararandeuara são, dos dialetos conhecidos, os mais aspirados, depois o guarani; o tembé, ao passo que diferencia em consoante (2) a semivogal (j), converte outras consoantes do tupi clássico em aspiradas, quiçá mais exageradamente que o urubu; assim, lua, em tembé, é zahi, quase zarri, como está em algumas listas do pessoal dos Postos.

40. Tais casos me levam a despreocupar-me de reduzir aos alfabetos sistemáticos "universais", os vocabulários tembés e Urubus. Enquanto esperamos os benefícios difíceis ou caros da fonética experimental, encetada na etnologia da nossa América pelo Professor Roquette-Pinto (*Rondônia, in fine*) com seus fonogramas da Serra do Norte – o melhor é ir registrando as variantes, pelos sons comparáveis das línguas nacionais e de outras, de acordo com a realidade viva da linguagem; há certos vocabulários que, mesmo registrados no alfabeto-padrão, traem a língua do observador e há caracteres que resistem a toda deturpação.

Por enquanto, é preciso seguir esse processo que de empírico passará a estatístico, então ficando mais de acordo com a moderna concepção científica a que as *séries* substituem cada vez mais os tipos e as leis. Na verdade, para resolver certos problemas das línguas indígenas, basta fazer a *geografia linguística* moderna.

Uma palavra sobre *linguagem* e *somática*: os ararandeuaras (manajé) que têm a aparência somaticamente dos mundurucus e se afastam dos tembés e Urubus (cf. Fotos, de Lange e de Farabee), falam dialeto próximo ao Urubu. Um estudo antropométrico desses índios talvez venha esclarecer a definição do tupi e se o que muda menos é a raça ou língua.

Feito este comentário sem pretensões ao estudo da língua, aditamos a documentação colhida.

**DIALETO URUBU****41. Vocabulário do velho arajuba (ou melhor arayúb, como dizem Flor de Pau e Uirah**

Teu cabelo	ne'áu.
Tua testa	ne cang (g quase imperceptível).
Teu olho	ne rehá.
Teu nariz	n'apuim.
Tua boca	n'jurú.
Teus dentes	n'erói.
Tua sobrancelha	n'hehará.
Tua mão	n'pó.
Teu braço	n'iuá.
Teu ombro	ndjuarapuitá.
Tua barriga	necuhá.
Meu peito	heputiá (t aspirado imperceptível quase).
Meu dedo	Hepó
Tornozelo	heputá
Unha da mão	hepopé
Dedo do pé	nepi
Meu pé	hepé
Canela	timan
Coxa	he hú
Joelho	(he) putiã [?]
Mulher	mirichó
Filho	mimira
Pai	papae [?]
Terra	iuí (u aspirado).
Céu	inac
Nuvem	tachin
Azul	uiachi
Fígado	hepihá
Arco	uiripa (r).
Flecha	úiu
Antigo	cuérhê
Ficou (está) chorando	pitá in zaió [?]
(números) 1	pitei



2	mokui
3, 4	oapirê
5	tumané
10	janepó upáu
20?	janepi pau (todos os dedos do pé).

Copiado da nota original de viagem, exceto as anotações entre colchetes.

As letras têm os seus valores respectivos mais gerais na pronúncia portuguesa, exceto as aspirações, *h* correspondendo em geral ao *h* inicial inglês em *home*, assinalando com *r* adicional as variantes duras; a aspiração da partícula pronominal *he* é fraca.

42. Eis algumas das primeiras frases que apanhei ao vivo, da lín-gua-geral, conversando com o tembé José Mucura, em Vizeu:

pulang até [*eté*] *ann tapui*: esta casa é muito bonita.  
 emoripar: amigo.  
 djoenisté: feia.  
*caináre*: senhor do mato (caruara).  
*erutian mach*[j]: estou com frio.  
 ekanreare icatu: canitar bom.  
 areko-han: minha terra [onde moro]. *hihabi-katu keran*: boa para dormir [rede].  
 zahá ihar pipe: vamos viajar na canoa.  
*uziavir tarukei*: ele volta.

Os amanajós, segundo o *Roteiro* de Paula Ribeiro Revista do Histórico Brasileiro, 2ª série, v. 3), apareceram no sertão maranhense em 1760 seriam os amaniús do Tocaiúna.

Estas migrações concordam com as apontadas analogias culturais e dialetais.

É muito difícil saber até que ponto os tembés e os Urubus se ou estavam em relações com as tribos antigas da região, como tabaiares do Quarpy e os coroas-vermelhas do Turi. A esta questão voltaremos futuros trabalhos sobre os índios atuais e sobre as *estearias*, procurando atenuar

o grande hiato entre as jazidas e os índios antigos das crônicas, e não menor entre estes e os atuais.

*NOTA* - Por enquanto, o que de mais antigo sabemos sobre os Uru- bus é uma referência de B. Rodrigues a lutas entre eles e moradores do Pará, nos começos do século XIX.

Museu Nacional do Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1932.